

Mídia, política e sociedade na contemporaneidade

João Miguel*

GOMES, Wilson. **Transformação da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

1. Introdução

O momento político de maior agitação esta cada vez mais se aproximando no contexto brasileiro, à medida que o mês de outubro se avizinha. Paulatinamente os diversos setores da sociedade, uns mais e outros menos, estão se mobilizando para a efeméride. A mídia também anunciou que está se preparando para que a cobertura seja efetiva de tal forma que as pessoas estejam informadas de tudo o que vai ocorrer antes, durante e depois das eleições. De igual modo esforços estão sendo envidados, pelos meios massivos, no agendamento de assuntos que, do seu ponto de vista, poderão pesar na hora de decidir o voto. O livro de Wilson Gomes com título, *Transformação da política na era da comunicação de massa*, pode ser tomado como pretexto para uma reflexão a relação entre comunicação e política, numa altura em que parece ter se tornado comum que a comunicação midiática, particularmente a comunicação que se processa pelos jornais e pela televisão, foi convertida num lugar privilegiado para a “palavra política” (p. 423).

2. Assunto

As temáticas abordadas, sobre as várias formas que a atividade política foi assumindo ao longo da história, levam o autor a não se identificar com alguns posicionamentos hodiernos que afirmam ter havido mudanças nas formas de política, o que tampouco significa insistir na continuidade dos mesmos fenômenos. Dessa forma, Gomes defende a existência de aspectos que se transformaram efetivamente na política ao lado de outros que se perpetuam. Nesse sentido, “a simplificação do conceito nos forçaria, então, a uma opção excludente entre transformação e permanência que, além do mais, demonstra-se contrário ao bom senso” (p. 420).

Segundo Gomes, a política funciona sempre com base em práticas, habilidades, classes de agentes e representações interrelacionados e reciprocamente implicados de forma

* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos); bolsista do CNPq.

sistêmica. Em sociedades complexas, a atividade política se apóia em mais de um desses sistemas, de forma que quando um deles é substituído, ou alterado, o campo político e a atividade política dessas sociedades não cessam nem desaparecem (p. 423). A partir dessa compreensão, pode-se afirmar que a centralidade que os meios de comunicação massivos ostentam na atualidade fez com que a atividade política estabelecesse uma forma de suas práticas diferente daquelas que assumiu em outros momentos.

A mudança de contextos processados historicamente não implicou na mudança da forma interna do fazer político. O autor propõe que se faça uma leitura do que está acontecendo com atividade política contemporânea. Não proponho apenas que se distinga a atividade política em sistema de práticas. Como defendo que os sistemas de práticas se especializaram em diferentes fins e funções, gostaria de sugerir que eles possam e devam conviver, em níveis variados de interface, integração e coerência, nas diversas formas históricas da política (p. 426). Dessa forma é descartada a visão defendida por autores que destacam passagem de um modelo para outro. De fato, uma observação desatenta do fenômeno pode levar a pensar que houve efetivamente mudança de modelo.

Não foi a política de partido (práticas e recursos *ad intra*) o modelo substituído, mas a forma anterior *ad extra*, pouco desenvolvida e muito dependente do jogo político interno (...). A política midiática ou da comunicação, portanto, não passa de novas habilidades, padrões de atividades, configuração de agentes, saberes, representações e valores da política *ad extra* em nossos dias (p. 429). Nas sociedades atuais não é penas a atividade política tem se vê impelido a se ajustar o seu modo de funcionamento aos protocolos da mídia, mas todos os outros campos sociais, nas suas práticas, não têm o direito de prescindir da visibilidade possibilitada pelos meios de comunicação.

3. Apreciação

A construção metodológica feita por Gomes é digna de ser realçada. O movimento dialético (continuidade de aspectos políticos *ad intra* e a descontinuidade de aspectos políticos *ad extra*) que ele realiza faz com que o leitor tenha facilidade de acompanhar a evolução do argumento e adentrar na profundidade teórico-metodológica característico do autor, como se pode deparar também em outros textos por ele publicados.

Em *Internet e participação política em sociedades democráticas*, afastando do que Umberto Eco chamou apocalípticos e integrados, Gomes adota um ponto de vista que se

afasta tanto dos entusiastas quanto dos pessimistas. Esse tipo de posicionamento do autor não significa que ele se coloca num meio termo, tomando, de cada parte, o que mais se aproxima à realidade em análise. Ele defende a tese segundo a qual recursos tecnológicos não podem frustrar nem realizar promessas de efeitos sociais. Citando Hamlet, frisa que a internet não frustrou expectativas de participação política porque tão pouco poderia formular promessas de transformação da democracia. O ciberespaço é um ambiente, um meio que, como ainda é claro para todos, está pleno de possibilidades, desde que as sociedades consigam dela retirar o que de vantajoso à democracia pode oferecer (Gomes, 2005: 75).

Essa mesma compreensão encontra-se em *Esfera pública política e media II*, fazendo referência da mídia no geral chega concluir que a esfera de visibilidade pública midiática *pode ser* editada e vivenciada como autêntica esfera pública pelo seu usuário e não que ela de fato *seja* editada e vivenciada como esfera pública por todos os seus usuários ou, mesmo, pela maioria deles. Os *media* não constituem uma esfera pública para todos, portanto uma esfera pública monolítica e universal; porém é fato que os *media*, o sistema expressivo dos media melhor dizendo, podem ser usados, praticados como uma esfera pública por aqueles que reúnem condições e o interesse para fazê-lo. De qualquer forma é verdade que uma grande parte das pessoas, talvez a maior parte delas, forme a sua opinião – e não apenas seja seduzido ou convencido por procedimentos não-demonstrativos – através da esfera pública de alguma maneira mediada pela cena pública midiática (GOMES, 1999: 29).

4. Considerações finais

A presente obra de Wilson Gomes pode ser considerada com referência para todos aqueles que estão interessados no fenômeno midiático, de maneira geral, e na interface comunicação e política, em particular. Sua reflexão leva a que sejam descartados posicionamentos que afirmam a presença de um novo modelo de atividade política. O autor entende uma novidade presente nas condições em que o mesmo fazer político se realiza, agora centrado na lógica da mídia. Esses dispositivos, em si, como já se fez referência, não devem ser tidos como favoráveis ou contrários à criação de um espaço público democrático. Isso passa necessariamente pelo maior engajamento da sociedade e pela superação de interesses setoriais que, na maioria das vezes, frustra a construção e a defesa de interesse geral e a luta pela visibilização de suas demandas.

5. Referências

GOMES, Wilson. **Transformação da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus. 2004.

_____. Internet e participação política em sociedades democráticas. **Revista Famecos**. Porto Alegre, n. 27, p. 58-78, ago. 2005.

_____. Esfera pública política e *mídia* II. In: RUBIM, Antônio Albino C.; BENTZ, Ione Maria; PINTO, Milton José (Orgs.). **Práticas discursivas na cultura contemporânea**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1999. p. 201-231.